

TERMINOLOGIA GEOGRÁFICA

(Continuação)

- BATEDOR** — Termo usado no interior da Bahia para designar o campo onde se põe o gado a pastar constantemente, por isso mesmo, de forragem escassa. O mesmo que rapador ou rapadouro: CÂNDIDO DE FIGUEIREDO regista-o como brasileiro do norte, apelidando o lugar, onde se reúne o gado, acossado pelas mósas. Nunca o ouvimos em tal sentido. ALCIDES JUBÉ informa que, em Goiás, é o lugar onde o gado está sempre passando, rumo à aguada. (B. de S.).
- BATIDA** — Termo muito usado no Nordeste e registado por LEONARDO MOTA, com a significação de rastro aberto na mata, trilho estreito na mata e empregado por OLAVO BILAC no seguinte passo do seu *Através do Brasil*, pág. 71: "Carlos e Alfredo atentaram, e viram que o que êle chama uma batida, era um trilho estreitíssimo, quase invisível como um caminho de formigas". V. CHERMONT regista-o como termo de Marajó, no sentido de vestígio que deixa no solo um animal que passa, rasto, pegada. Entretanto, é frequente, na Bahia e no Nordeste, o emprêgo desta palavra com tal sentido: "a batida do gado, a batida da caça". (B. de S.).
- BATOQUEIRA** — Termo nordestino que significa trilha através da caatinga. (B. de S.).
- BEBEDOURO** — Nome que, em Minas Gerais, se dá às fontes perenes de águas minerais salinas, predominando o carbonato de soda, diferentes das chamadas barreiras por serem mais abundantes, segundo informa MOREIRA PINTO. "As caças surgem, mansas, dos carreiros rumo dos bebedouros em que curimbatás, piracanjubas e dourados faiscam, rabanando à tona" (AMANDO CARUBI — *Sapêzais e Tiguera*. Pág. 262). VICENTE CHERMONT regista o termo como regionalismo paraense, significando lago, rêgo, igarapé, rampa ou praia, onde o gado bebe, chamando-se bebedouro real aquêle que nunca seca, bebedouro de enchente ou de vazante ao que é quinzenalmente alimentado pelas marés de águas vivas. Na Bahia dá-se o nome de bebedouro aos lugares em que o gado costuma beber, nos rios, nas lagoas, nas fontes ou nas cacimbas. No Ceará diz-se também bebedor, sinônimo de cacimba, segundo lemos em *Luzia Homem*, de DOMINGOS OLÍMPIO às páginas 53 e 216: "Os raros bebedouros subsistentes ficavam longe da estrada real..." "Pastorava o gado; cavava bebedouros e cacimbas; vaguejava a cavalo como o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foice e machado na derrubada dos roçados". É sinônimo de bebida. (B. de S.).
- BEBIDA** — Nome que, no Norte do Brasil, se dá a depósitos ou mananciais de água pluvial, onde costumam beber os animais, quer domésticos, quer silvestres. Na estação da seca, diz BEAUREPAIRE-ROHAN, quando é geral a falta d'água são as bebidas lugares idôneos para as caçadas, pela multidão de aves e outros animais que aí se reúnem. (B. de S.).
- BEIRADA** — Margem, beira, extremidade de um terreno; situada baixa que ladeia um rio, riacho ou lagoa. (F. A. P. C.).
- BEIRADEIRO** — Pequeno negociante que comercia quase exclusivamente com os "cassacos" das linhas férreas em construção, acompanhando as turmas em seu avançamento. (R. G.).
- BÊTA** — Termo muito usado em São João del-Rei e Morro Velho (Minas Gerais), citado por BARBOSA RODRIGUES, para significar escavações profundas feitas nas rochas de onde extraem ouro. Em carta que me dirigiu a respeito da *Onomástica*, escreveu o sábio PANDIÁ CALÓGERAS: "Não me consta que em Minas se trate por êste nome as escavações minerais, e sim a própria mina. Vieiros ou bêtas dizia a velha ordenação e nesse sentido ficou. Só vi, tomando a parte pelo todo, tal figura se aplicar à lavrança, mas eu o ignoro". EVERARDO BACKHEUSER em seu *Glossário* diz: pequeno filão ou vieiro em regra de origem hidrotermal, contendo minerais preciosos, mas especialmente minerais metálicos. (B. de S.).
- BIBOCA** — Termo que ocorre com vários sentidos. No Rio Grande do Sul, significa barranco, ou escavação formada ordinariamente por enxurradas ou movimento de águas subterrâneas, de sorte que torna o trânsito não só incômodo mas também perigoso, sobretudo às escuras, sendo frequentes dizer-se — ficou a estrada cheia de bibocas depois das chuvas (BEAUREPAIRE-

ROHAN). Ainda no Rio Grande do Sul, segundo informa o general BORGES FORTES, emprega-se no sentido de terreno de difícil acesso, lugar remoto. ELPÍDIO PIMENTEL, lexicógrafo capixaba, informa que, no Espírito Santo, biboca tem o significado de habitação longínqua, sertaneja, grotreira (*Vida Capixaba* — N.º 245 — 1930). ROMAGUERA e CALLAGE dão como significando barrancos, barranqueiras, precipícios formados de terrenos fendidos. BEAUREPAIRE-ROHAN diz ainda que se chama biboca a qualquer terreno brenhoso, de difícil trânsito. MACEDO SOARES refere que, em São Paulo, assim se denomina uma casinha de palha e A. TAUNAY um casebre. Na Bahia e Estados do Norte designa qualquer casa pequenina, coberta em geral de palha: "Um bruxuleio barato no fundo da biboca dos retirantes que, perdida na amplidão do latifúndio, ficava menor, semelhando um ninho caído, modifica-lhe a impressão da vida" (JOSÉ AMÉRICO) — *A Bagaceira* — Pág. 70). Ainda na Bahia se chama biboca a uma pequena casa de negócio, uma vendola, taverna, sinônimo de taboca (Vide este termo). Ocorrem também as formas baboca, boboca e o aumentativo bibocão. (B. de S.).

BÓCA DA SERRA — Expressão usada no Sul do Brasil, especialmente no Paraná e em Santa Catarina, para designar a garganta pela qual se sobe ao planalto. Encontramo-la duas vezes empregada pelo Pe. GERALDO PAUWELLS, às páginas 32 e 35 do *Guia do Estado de Santa Catarina* (Florianópolis — 1927), nos seguintes passos: "Geralmente o planalto termina por taimbés, isto é, paredões formidáveis, cortados a prumo, de altura diferente, desde poucas dezenas até várias centenas de metros, seguindo para baixo uma rampa ainda de declive elevadíssimo, de modo que a subida para o planalto se torna possível apenas em pouquíssimos pontos, nas chamadas bôcas da serra". Somente quem já estêve ao pé ou em cima dos taimbés e já subiu alguma dessas famosas bôcas da serra, compreenderá de algum modo o que isso quer dizer". As bôcas da serra acompanham em geral o leito de um riacho. (B. de S.).

BOCAINA — Depressão, colo, garganta, boqueirão das serras termo mais comum no sul do Brasil. VICENTE CHERMONT informa que na Amazônia designa a foz de um rio ou a entrada de um lago que comunica por um desagudouro com o rio. RODOLFO GARCIA escreve: "térmo do Pará, bôca ou entrada de um rio, menos considerável que a barra principal". PEREGRINO JÚNIOR em suas *Histórias da Amazônia* diz que bocaina é braço d'água, ou furo que liga um lago a um igarapé, lugar onde em geral se instalam as feitorias no tempo da salga. Bocaina tem ainda no norte do Brasil significação peculiar: os barqueiros da costa entre a foz do Amazonas e São Luís do Maranhão assim designam as bacias que se rasgam no litoral. São do professor RUBEM ALMEIDA as seguintes palavras: "Paralelamente entretanto a essa feição deltaica, rasgam-se enormes bacias (bocainas chamam-nas os barqueiros), perfeitamente abrigadas. E de tal modo amplas e profundas, que aí se podem perfeitamente, refugiar navios de grande calado. Exemplo: as de Turiaçu, Tromai, Iriri-açu, Iriri-mirim e Gurupi. As bacias destes rios são espantosamente vastas, bastando dizer que a do Gurupi tem oito quilômetros de largura". Na Espanha segundo VERGARA MARTIN, em seu livro citado, designa a enseada que por algumas paragens tem as barras dos rios, com fundo suficiente para dar passagem a certas embarcações. (B. de S.).

BOLAPÉ — Termo empregado no Rio Grande do Sul e Paraná para designar o vau de um rio ou arroio que, embora com águas crescidas, estas são ainda insuficientes para que façam nadar o cavalo. Assim, se diz que o rio está de bolapé: é o mesmo que no Norte se exprime na frase — o rio já dá vau. mas o cavalo passa balançando, isto é quase nadando. (B. de S.).

Continua